



**IX CONGRESO
RULESCOOP
2015**

**A IESOL E A EXPERIÊNCIA ADQUIRIDA COM O
TRABALHO DE INCUBAÇÃO NA FORMAÇÃO
CRÍTICA E COMPROMETIDA COM O AVANÇO E
FORTALECIMENTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA
EM PONTA GROSSA E REGIÃO DOS CAMPOS
GERAIS.**

IX Congreso Internacional Rulescoop

*Respuesta de la Universidad a las necesidades de la economía social ante los
desafíos del mercado*

Reidy Rolim de Moura,

Universidade Estadual de Ponta Grossa,
Coordenadora IESol/UEPG

Manuela Salau Brasil,

Universidade Estadual de Ponta Grossa,
Técnica IESol/UEPG

Francisco Salau Brasil,

Universidade Estadual de Ponta Grossa,
Técnico IESol/UEPG

RESUMO

O trabalho desenvolvido pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Ponta Grossa – IESol/UEPG tem como objetivo principal o acompanhamento e assessoramento aos trabalhadores que optam pela economia solidária, através do que chamamos de processo de incubação. Tal processo visa contemplar as diversas demandas trazidas pelos trabalhadores, compreendendo desde as questões mais técnicas como aquelas de natureza mais política. Para que isso ocorra, é necessário que as equipes da incubadora – constituídas por alunos e funcionários da universidade, além de voluntários – estejam em permanente formação para se tornarem aptas aos desafios que o trabalho requer. Estes desafios adquirem maior relevância uma vez que a economia solidária não é matéria estudada na universidade, a não ser por opções isoladas de alguns professores – e por isso os participantes da IESol/UEPG assumem o papel de formadores e auto-formadores neste assunto que é ainda recente na academia. A presente comunicação pretende analisar, mediante resultados obtidos através de pesquisa, as percepções de alunos e técnicos da IESol/UEPG sobre a experiência adquirida com o trabalho de incubação, e em que medida ela é capaz de contribuir para a formação de profissionais críticos e comprometidos com o avanço e fortalecimento da economia solidária e das transformações sociais.

PALAVRAS CHAVE

Universidade, economia solidária, incubação, formação, IESol

ÍNDICE

1. Introdução
2. Economia Solidária
3. A Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESol/UEPG
4. A formação na IESol/UEPG
5. Conclusões
6. Bibliografia

1. INTRODUÇÃO

A Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Ponta Grossa - IESol/UEPG - foi criada em 2005 com o objetivo principal de acompanhar e assessorar grupos de trabalhadores que optaram pela economia solidária, através do que chamamos de processo de incubação. Neste processo, os trabalhadores permanecem até que possam sair da condição de incubados para a de emancipados.

Pela natureza do que se propõe, a incubação não segue um padrão único e reproduzível a todos os grupos, mas ao contrário, segue uma lógica que permite atender as necessidades e características distintas desde que orientadas por uma mesma metodologia e uma mesma finalidade. Podemos afirmar que o processo de incubação é essencialmente um processo de formação. Neste sentido, o conhecimento e a habilidade de seus formadores é um elemento chave para que o resultado pretendido seja alcançado.

Para tanto, é necessário que as equipes da incubadora – constituídas por alunos e funcionários da universidade, além de voluntários – estejam em permanente formação para se tornarem aptas aos desafios que o trabalho requer. Estes desafios adquirem maior relevância uma vez que a economia solidária não é matéria estudada na universidade, a não ser por opções isoladas de alguns professores – e por isso os participantes da IESol/UEPG assumem o papel de formadores e auto-formadores neste assunto que é ainda recente na academia.

A presente comunicação pretende analisar, mediante resultados obtidos através de pesquisa aplicada com questionário, as percepções de alunos e técnicos da IESol/UEPG sobre a experiência adquirida com o trabalho de incubação, e em que medida ela é capaz de contribuir para a formação de profissionais críticos e comprometidos com o avanço e fortalecimento da economia solidária e das transformações sociais.

Com este objetivo, o artigo será desenvolvido de acordo com a seguinte estrutura: segue-se à introdução uma visão geral sobre economia solidária e posteriormente sobre a IESol/UEPG. Na seqüência serão apresentados os resultados da pesquisa e discutido em que medida a experiência extrapola o limite do trabalho na incubadora para estender-se a outros espaços e contribuir para problematizar a própria formação dentro da instituição.

2. ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia solidária é uma expressão contemporânea do cooperativismo do século XIX. Por sua vez, o cooperativismo é fruto da reação dos trabalhadores à crise provocada pela Revolução Industrial que buscavam, portanto, outras formas de viver em sociedade. Tais mudanças não diziam respeito apenas às novas formas de trabalho, mas englobavam princípios e valores que orientavam outras esferas da vida, e que foram sistematizados pelos Pioneiros de Rochdale em 1844.

O grupo adotou uma série de princípios que até hoje norteiam o cooperativismo. São eles: Gestão democrática garantida pela correspondência de 1 sócio, 1 voto; Adesão aberta para novos sócios, conhecido como o “princípio da porta aberta”; Taxa de juros fixa sobre o capital; Distribuição das sobras proporcional às compras; Vendas à vista; Vendas apenas de produtos puros, não adulterados; Empenho para a educação cooperativa; Neutralidade política e religiosa.

Destes, destacamos o “Empenho para a educação cooperativa”, princípio que é fundamental para a economia solidária e para o trabalho nas incubadoras, sobre o qual faremos referência ao longo deste texto.

A economia solidária ressurgiu no Brasil também como reação dos trabalhadores em um contexto de crise (anos 1980), e os princípios acima servem como guia para as experiências dos trabalhadores que optam por esta proposta de construir outra sociedade. Esta sociedade estaria baseada na cooperação, autogestão, solidariedade e na centralidade do homem e da sociedade, características herdadas do cooperativismo do século XIX.

Sua expressão maior são os empreendimentos econômicos solidários, coletivos de trabalhadores orientados por princípios e valores que se reúnem para formar cooperativas, associações, clubes de troca ou grupos informais, não apenas com o objetivo de obter renda e trabalho, mas para fundamentar uma sociedade baseada em outra racionalidade.

Tal desafio é compartilhado com outros sujeitos que estão empenhados no fortalecimento da economia solidária, incluindo entidades de apoio, órgãos governamentais e a sociedade civil organizada. Apenas para lembrar, desde 2003 o país conta com uma Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Também é deste ano a criação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), que tem como principal missão articular o movimento da economia solidária e que tem ramificações em todos os estados do país e suas regiões, através dos Fóruns Estaduais, Regionais e Municipais de economia solidária.

Há, portanto, um grande número de sujeito comprometidos com o fortalecimento da economia solidária no país, cujos esforços para que a mesma seja compreendida, discutida e divulgada são permanentes. Não se pode desprezar ou minimizar as dificuldades e barreiras em disseminar uma proposta que se contrapõe a lógica dominante.

Muitos são os fatores que podem beneficiar tal empreitada, e aqui ressaltamos a necessidade de contarmos com pessoas dispostas e aptas a enfrentar o desafio de construir as bases para esta outra sociedade. Neste aspecto, o papel das universidades é fundamental, seja produzindo novos conhecimentos como formando profissionais críticos e comprometidos com as mudanças que a sociedade e o planeta necessitam. Considerando, entretanto, que as universidades são campos de disputa, não é possível idealizar o seu papel e tampouco homogeneizar suas ações e seu público. O presente artigo versa sobre a experiência de uma universidade em particular, ou melhor, de um determinado espaço desta universidade, a Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Ponta Grossa-IESol/UEPG.

3. A INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS - IESOL/UEPG

As incubadoras universitárias de cooperativismo popular integram o campo de entidades de apoio da economia solidária, e atualmente somam mais de 100 unidades no Brasil.

Elas podem assumir diferentes configurações em relação a instituição à qual pertence, e na Universidade Estadual de Ponta Grossa ela está registrada como um Programa de Extensão, a “Incubadora de Empreendimentos Solidários” - IESol/UEPG, criada em 2005 abrangendo o município de Ponta Grossa e a região dos Campos Gerais.

Desde seu início contou com a participação de profissionais e alunos que, motivados principalmente pela crítica ao sistema capitalista e pelo desejo de ultrapassá-lo, viam na IESol/UEPG um espaço privilegiado para exercitar novas formas de sociabilidade. Este exercício contemplava não apenas novas práticas, mas novas teorias.

Por isso, também desde seu início a IESol rendeu-se a importância da formação. Seus primeiros membros participaram de um curso de formação promovido por outra incubadora – a ITCP/UFPR (Incubadora Tecnológica de Cooperativismo Popular da Universidade Federal do Paraná).

Na medida em que novos integrantes somavam-se à equipe, os mais antigos passavam-lhe o conhecimento adquirido, independentemente da formação acadêmica

de cada um. Com o tempo, esta metodologia evoluiu, incluindo atualmente formações específicas para aqueles que estão iniciando seus trabalhos.

Ressalta-se que a IESol caracteriza-se por ser um espaço multi e interdisciplinar, onde convivem profissionais e alunos de várias áreas do conhecimento. Na maioria das vezes chegam com pouco ou nenhum conhecimento sobre economia solidária e, menos ainda, sobre o processo de incubação.

Para todos os novos alunos que entram no programa, há um curso básico sobre economia solidária, com informações gerais e introdutórias sobre o tema. Ao mesmo tempo, os alunos passam por um período para conhecer todos os empreendimentos incubados, para então manifestar a opção por um deles. A escolha definitiva leva em conta tanto a necessidade de cada equipe como a vontade expressa pelo aluno, e é referendada nas reuniões gerais.

As equipes de incubação ganham a conformação multidisciplinar, e no trabalho prático os conhecimentos trazidos e estudados tornam o campo interdisciplinar, com ganho para seus membros e para os trabalhadores dos empreendimentos incubados.

O funcionamento de uma incubadora desta natureza dentro de uma universidade é beneficiada com o acesso mais fácil aos conhecimentos que podem aportar inovações e alternativas ao trabalho proposto, além de pesquisas recentes que igualmente podem traduzir-se em ganhos para o trabalho e todos os seus participantes.

Pode-se perceber, por exemplo, que professores tem manifestado interesse pelo tema e pelo programa uma vez que tem sido questionados por alunos que trabalham na IESol e levam para as aulas problemas e exemplos concretos que dizem respeito à diversas matérias.

Há também casos de alunos que elegem o tema para elaborar seus trabalhos de conclusão de curso, e outros que participam da IESol como campo de estágio obrigatório (não remunerado). Em ambos os casos, o efeito demonstrativo tem funcionado satisfatoriamente. Ao levar para a sala de aula a experiência com o trabalho realizado na IESol, acabam despertando curiosidade sobre o assunto e trazendo novos colegas e professores para conhecer e contribuir com a IESol. Além disso, há um número crescente de trabalho apresentados em eventos que tratam de assuntos que nascem no trabalho de extensão.

Para todos estes casos, é necessário que o aluno tenha conhecimentos que excedam aqueles aprendidos em sala de aula, tendo em vista que a economia solidária não é uma disciplina em nenhum dos cursos da instituição. Com vistas a compreender esta dinâmica, analisaremos os resultados dos questionários realizados com os participantes da IESol.

4. A FORMAÇÃO NA IESol/UEPG

A pesquisa foi realizada com 26 entrevistados, sendo 9 técnicos com graduação completa e 17 estagiários estudantes de graduação. A opção por incluir profissionais já formados e alunos em formação tem por objetivo ampliar a análise e captar as percepções daqueles que passaram e estão passando pela formação acadêmica. Nos depoimentos relatados, os números 1, 2, 4, 5, 9 a 15, 17, 20 e 22 a 26 identificam as falas dos graduandos, e os números 3, 6, 7, 8, 16, 18, 19, 21 e 27 as falas dos graduados.

Comprovando o caráter multidisciplinar da composição da equipe, listou-se 11 cursos diferentes, com a seguinte quantidade de graduados ou graduandos: 06 são de geografia, 06 de serviço social, 05 de história, 02 de economia e 01 de cada um dos seguintes cursos: jornalismo, design de moda, engenharia de materiais, engenharia de alimentos, direito, administração e psicologia.

Do total de entrevistados, 09 (35%) responderam que em seus cursos de graduação tiveram algum contato, ainda que superficial, com a economia solidária. Por outro lado, a maioria deles, 17 alunos (65%) afirmaram não ter tido acesso a este conhecimento através de seus cursos de graduação.

Deste universo, apenas 07 afirmaram não possuir nenhum conhecimento prévio sobre economia solidária antes de entrar na IESol. Ou seja, dos 17 alunos que afirmaram não terem visto nada de economia solidária em seus cursos, 10 deles conheceram o assunto através de outros meios: amigos, eventos, notícias, etc.

Na análise dos 11 cursos presentes, em apenas 03 percebeu-se que houve alguma menção à economia solidária: geografia, serviço social e história. Não é coincidência que destes 03 cursos encontram-se dois coordenadores da IESol e outros 04 professores que possuem trabalhos na incubadora. Como exposto anteriormente, o comprometimento e o exemplo dos professores anima a vinda de alunos que acabam integrando-se ao programa. Através dos depoimentos é possível perceber o significado que esta vivência possibilita.

Quando perguntados sobre a perspectiva de atuação profissional após encerrado o vínculo com a IESol, algumas respostas se destacaram:

“Não consigo me imaginar fora da IESol, porque como já venho debatendo há algum tempo, a economia solidária é muito mais do que uma proposta econômica, mas é um modo de vida que estamos construindo e já foi incorporado em nosso cotidiano. Quero continuar na IESol, mesmo como voluntário e também já pensei na possibilidade de iniciar um empreendimento nos moldes da ecosol.” (02)

“Buscar ser uma multiplicadora dos princípios da ecosol.” (13)

“Tentar trabalhar de forma autogestionária, e praticar a economia solidária no dia a dia. Também penso em aprimorar meus conhecimentos de economia solidária.” (18)

“Pretendo continuar trabalhando junto à ecosol, em entidades de apoio.” (26)

Os depoimentos acima não deixam dúvidas quanto à importância e o significado da experiência de trabalho na IESol. Mais que um campo profissional, ou um campo de estágio protocolar, ela se constitui em um espaço privilegiado de conhecimento e vivência de outras práticas, que ultrapassam os limites de uma formação técnica.

Quando questionados se há conhecimentos e práticas da atuação na IESol que desejam incorporar na vida profissional, a grande maioria, ou seja, 25 das 26 pessoas consultadas demonstraram interesse em fazê-lo. Abaixo algumas das respostas corroboram este dado:

“Autogestão, sustentabilidade, solidariedade, autonomia e cooperação. Todos os pilares essencial da economia solidária tornam o ambiente de trabalho melhor, gostaria de incorporar todos na medida do possível.” (02)

“Creio que os princípios da autogestão e participação coletiva sejam muito relevantes e acho importante incorporá-los na minha prática como futura professora de geografia, na busca por uma educação crítica e libertadora.” (03)

“Sim. A experiência da autogestão, o aprendizado que este princípio me proporcionou é algo que quero e pretendo incorporar no trabalho como professora. Acredito que o diálogo que a prática da autogestão exige de quem se dispõe a trabalhar desta forma, é algo preciosíssimo para enriquecer qualquer área de trabalho. Acredito que o princípio da autogestão é o que possibilita o desenvolvimento, a experimentação dos demais princípios da economia solidária.” (16)

Os depoimentos acima revelam não apenas o desejo em conservar os conhecimentos aprendidos durante o trabalho na IESol estendendo-o para outras práticas para além do espaço da incubadora, como sinalizam que eles foram de fato internalizados e reconhecidos durante este trabalho.

Sobre os temas citados - autogestão, sustentabilidade, participação, autonomia, cooperação - não são conceitos debatidos em sala de aula, até porque não estão em sintonia com a maioria das teorias vigentes. O suporte para que eles entrem não apenas na agenda teórica como no debate das questões práticas, são ganhos que demonstram de forma incontestável o papel da experiência que a IESol proporciona, e oxalá continue proporcionando àqueles que dela participam.

5. CONCLUSÕES

As crises do capital não tem apenas repercussões nas questões sociais, econômicas ou políticas, mas também no que diz respeito à educação. No embate de diferentes visões de mundo, as abordagens acadêmicas não podem ser consideradas como neutras ou buscar uma pretensa neutralidade.

Da mesma forma, a universidade não pode se ausentar do debate sobre as realidades em que estão inseridas, num papel que não deve se contentar em desafios teóricos sem relação ou conseqüências práticas.

Através das incubadoras de cooperativismo popular, algumas universidades brasileiras empreendem esforços para compreender os contextos de crise e, além de elaborarem diagnósticos críticos, apontarem caminhos para superá-los.

Deste trabalho colhem resultados positivos os trabalhadores dos empreendimentos econômicos solidários incubados, bem como os profissionais e alunos que dele participam, ou melhor, que constroem na prática as bases para uma sociedade melhor. O trabalho de formação reverbera para além do objetivo proposto – a assessoria aos trabalhadores – constituindo-se ele próprio em instrumento de auto-formação, assim preenchendo uma lacuna que a formação universitária não consegue cumprir.

Com isso, criam-se condições favoráveis para uma formação voltada para princípios e valores que transcendem as questões técnicas, num perfil que é requerido cada vez mais para quem comunga do desejo de transformação da sociedade.

Neste sentido, os participantes da IESol – trabalhadores dos empreendimentos, profissionais formados e alunos em formação, tem contribuindo para o fortalecimento da economia solidária na cidade de Ponta Grossa e em sua região de abrangência, a partir de uma formação crítica orientada para uma sociedade melhor.

6. BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, M. (2009): *Educação para uma economia do amor. educação da práxis e economia solidária*, Editora Idéias &Letras, São Paulo.

BRASIL, M. S. (2015): “A universidade como espaço de produção de utopias sociais: apontamentos sobre as Incubadoras de Cooperativas Populares no Brasil”. En: *XII Congresso Luso-Afro-Brasileiro, . 1. Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*, Lisboa.

SINGER, P. (2002): *Introdução à economia solidária*, Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo.

VALADAO, A. C. ; ROCHA FILHO, A. N. ; BRASIL, F. S. ; BRASIL, M. S.; CUNHA, L. A. G. (2015): “A autogestão em uma incubadora de empreendimentos solidários.” En:*XII Congresso Luso-Afro-Brasileiro, . 1. Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*, Lisboa.